

A prática laboratorial integrada: apontamentos sobre a virada editorial e pedagógica da Curinga

Integrated laboratory practice: notes on
Curinga's editorial and pedagogical
turning point

Práctica integrada de laboratorio:
apuntes sobre el giro editorial y
pedagógico de Curinga

Recebido em: 13/12/2020

Aceito em: 28/02/2021

DOI: 10.46952/rebej.v11i28.424

RESUMO

Este artigo aborda a experiência das autoras com a Curinga, revista-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, a partir da implantação da disciplina "Laboratório Integrado II: Grande Reportagem" na nova matriz curricular, desenvolvida com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) de 2013, e da virada editorial aí envolvida. O texto é estruturado em quatro eixos: a proposta da Curinga em sua fase inaugural; a mudança editorial e pedagógica que caracteriza um dossiê, com produções de grandes reportagens para o impresso e digital; a readequação dos produtos e processos ao novo perfil editorial; e a rotina e infraestrutura produtivas nos limites laboratoriais.

PALAVRAS-CHAVE

Experiência pedagógica. Laboratório integrado. Revista. Dossiê. Grande reportagem.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the authors' experience in Curinga, a laboratory magazine produced by Journalism students from Universidade Federal de Ouro Preto. The paper focuses on the implementation of the discipline "Integrated Laboratory II: In-depth Reporting", carried out after the curricular guidelines launched in 2013, which was responsible for an editorial turning point. Four axes are covered here: the initial proposal of Curinga; the editorial and pedagogical changes that reformulates the magazine into a dossier with in-depth reportings for print and digital media; the readjustment of products and processes to the new editorial profile; and the routine and productive infrastructure within the laboratory limits.

KEYWORDS

Pedagogical experience. Integrated laboratory. Magazine. Dossier. In-depth reporting.

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Ana Carolina Lima Santos

Doutora em Comunicação e professora da Universidade Federal de Ouro Preto.

outracarol@gmail.com

Karina Gomes Barbosa

Doutora em Comunicação e professora da UFPO.

karina.barbosa@gmail.com

Michele da Silva Tavares

Doutora em Comunicação. Professora da UFPO.

michele.tavares@ufop.edu.br

RESUMEN

Este artículo trata sobre la experiencia de las autoras con Curinga, una revista de laboratorio del curso de Periodismo de la Universidad Federal de Ouro Preto, basada en la implementación de la disciplina "Laboratorio Integrado II: Gran Reportaje" en la nueva matriz curricular, desarrollada con base en los Lineamientos Curriculares Nacionales, de 2013, y el giro editorial involucrado allí. El texto se estructura en cuatro ejes: la propuesta de la Curinga en su fase inaugural; el cambio editorial y pedagógico que caracteriza a un dossier, con la producción de grandes reportajes impresos y digitales; el reajuste de productos y procesos al nuevo perfil editorial; y, finalmente, la infraestructura rutinaria y productiva dentro de los límites del laboratorio.

PALABRAS CLAVE

Experiencia pedagógica. Laboratorio integrado. Revista. Dossier. Gran reportaje.

1 INTRODUÇÃO

Em novembro de 2011, a primeira turma de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) lançou a edição inaugural da *Curinga*, revista-laboratório do curso, produzida pelos estudantes do 7º período matriculados na disciplina “Laboratório Impresso II”, sob orientação de três professores – de texto, fotografia e planejamento visual. A publicação nascia vinculada ao objetivo pedagógico de aproximar os alunos da prática e dos fundamentos da futura profissão, em (mais) uma oportunidade de aplicar os conhecimentos e habilidades desenvolvidos ao longo da trajetória acadêmica na elaboração de um produto específico, sem perder de vista a reflexão teórico-conceitual envolvida no processo.

Como observa Fabrício Marques de Oliveira (2013, p.275), “o laboratório é o espaço em que se concretiza o diálogo com e entre as disciplinas do curso e, como tal, deve ter como meta a experimentação”. Assim, a experiência laboratorial que então tomava forma com a *Curinga* visava servir como um dos últimos degraus formativos para o corpo discente, posto que, tendo explorado em outras disciplinas obrigatórias e eletivas conhecimentos teóricos e práticos do fazer jornalístico, os estudantes podiam ir além para testar e por vezes contestar possibilidades de apuração, produção e edição.

A proposta de uma práxis jornalística, já experimentada pelos estudantes no “Laboratório Impresso I”, onde, na antiga matriz curricular, produziam o jornal *Lampião*, se diferenciava pelo foco na revista como meio, de segmentação editorial. Para Márcia Benetti (2013, p. 51), “a segmentação é o eixo norteador do jornalismo de revista” – afirmação à qual fazem coro outros autores (BUIIONI, 2013; STORCH, 2013; TAVARES; SCHWAAB, 2013). Marília Scalzo (2004), que também aposta na fragmentação e na especialização como marca, nota que a revista é um encontro entre um editor e um leitor, capaz de criar afinidades identitárias que permitem ao jornalista chamar cada integrante do seu público de “você”. No primeiro editorial da *Curinga*, fica claro a quem a revista-laboratório busca chamar de “você”: o jovem universitário. Tratava-se, inicialmente, de uma publicação feita por e para alunos.

A vinculação entre as identidades desses estudantes pressupõe algo mais, como delineado no editorial: “uma revista aberta ao debate e fechada ao preconceito” (CARMO, 2011, p. 3). Tal assertiva, que depois se torna lema da publicação, se refletiu nas angulações adotadas nas reportagens dessa e de outras edições. Assuntos culturais e comportamentais, que dominam as pautas da *Curinga* em um primeiro momento, são enfrentados com audácia, de modo engajado. Na edição 10, o leitor também é convocado a pôr-se na linha de frente: “convidamos você a descobrir novas nuances acerca do espaço no qual habitamos. Acreditando nas indagações como forma de movimentação global e, mais que isso, de instigação” (GOMES; FONTES, 2014, p. 2). “Resistir em meio ao preconceito, à marginalização, à intolerância. Nas próximas páginas, vamos além: servir à; servir como instrumento de intervenção” (OLIVEIRA; FERREIRA, 2015, p. 4), diz-se de maneira mais contundente na edição 15.

Igualmente em consonância com outro atributo editorial da revista como meio, a *Curinga* é abalizada por uma questão temporal. Se, como defende Daisy Vogel (2013, p. 17), “toda revista propõe, de algum modo, uma reflexão sobre o contemporâneo; nunca uma representação do contemporâneo, mas uma apresentação materialmente

estável de imagens justapostas, do presente e de quaisquer tempos” (VOGEL, 2013, p. 17), a revista visa elaborar a montagem de materiais diversos que convergem no tempo e no espaço discursivo de cada edição. Para tanto, aposta-se em conteúdos de longa duração, atemporais ou ao menos temporalmente expandidos, ainda que impulsionados por questões coevas, manifestas ou latentes. Em alguns números, isso se dá por meio de uma aposta temática em que, deixando de lado a abordagem generalista, um mote é escolhido como fio condutor da publicação. Ao longo dos anos, formulações concretas e abstratas foram definidas como tema norteador – por exemplo, das amarras dos padrões sociais (edição 5) às liberdades do universo da fantasia (edição 12), da certeza da iminência da morte (edição 11) à imprevisibilidade dos golpes da vida (edição 22).

Na edição 10, o projeto editorial da revista passa pela primeira grande remodelação. O público-alvo é reformulado: do jovem universitário ao jovem, de dentro ou de fora da academia. O engajamento e a sobredeterminação temporal são mantidos como linhas gerais, mas agora condicionados a um princípio dual-reflexivo. Resgatando do nome da revista a analogia às cartas do baralho, a Curinga investe na noção de duplo. E, mais, “essa ideia de dualidade foi, de certa maneira, expandida, por uma outra, a de reflexividade. A revista funcionando, dialeticamente, como um espelho de si mesma e do mundo” (OLIVEIRA et al., 2015, p. 5). Uma estrutura padrão é adotada para materializar tal concepção. Divide-se a publicação em duas grandes editorias, ao mesmo tempo opostas e complementares. “Eu no mundo” traz um olhar externo, do indivíduo para o ambiente, contemplando reportagens que salientam a interação das pessoas transformando o entorno. “O mundo em mim”, por sua vez, oferece um olhar interno, do indivíduo para si mesmo, com reportagens que ressaltam as transformações que a sociedade imprime nos sujeitos. Entre as duas editorias, há uma passagem intitulada “Travessia”, normalmente composta por uma única reportagem especial que sintetiza os dois tipos de reflexão, externa e interna.

Foi assim que, até fevereiro de 2018, a revista-laboratório do curso de Jornalismo da Ufop existiu. Até aí, vinte e cinco edições (da 0 a 24) foram publicadas, duas a cada semestre¹, sempre com tiragem de mil e quinhentos exemplares para distribuição gratuita, em especial nas cidades de Mariana e Ouro Preto, mas também para fora das divisas. A elas, alguns prêmios foram atribuídos, dentre os quais se destacam dois troféus de melhor revista-laboratório impressa da etapa regional da Expocom, organizada pela Intercom, em 2012 e 2015. Nesse período, a Curinga também produziu para as plataformas digitais, ainda que muitas vezes acanhadamente. A revista conta com um site próprio e uma página no Facebook², nos quais materiais exclusivos, complementares aos do papel, são postados.

1 Nesses anos, houve uma exceção. Em 2016, uma edição especial foi produzida durante todo um semestre, excepcionalidade motivada e inteiramente dedicada ao rompimento da Barragem da Samarco, que devastou parte do município de Mariana, onde está o campus da Ufop que abriga o Jornalismo.

2 O site é hospedado no servidor da universidade: <www.revistacuringa.ufop.br>. A página no Facebook é: <www.facebook.com/revistacuringa>. Além disso, o acervo digital da revista está disponível no Yumpu: <www.yumpu.com/user/revistacuringa>. Acesso em: 16 mar. 2021.

2 A VIRADA PEDAGÓGICA E EDITORIAL

Após seis anos operando nesse eixo norteador, no primeiro semestre de 2018 a Curinga iniciou o processo de transição para um novo modelo editorial e pedagógico, com a edição 25, realizada ainda sob a matriz antiga. No segundo semestre de 2018, foi ofertada pela primeira vez a disciplina “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem”, componente curricular obrigatório do 7º período do curso em que os estudantes passam a produzir, a partir de então, a revista e os produtos digitais aliados a ela. O modelo, vigente hoje, vinha sendo gestado desde 2013, quando o curso de Jornalismo começou a discutir a reformulação de seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e a nova matriz curricular, tendo como norte as mudanças introduzidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Jornalismo (DCNs) aprovadas em setembro de 2013. Na atual matriz curricular, o “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem” cumpre um papel de articulação perceptível entre os seis eixos de aprendizado apresentados pelas DCNs (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013) e integra uma das artérias pedagógicas concebidas pelo curso, a laboratorial (ao lado dos eixos teórico e prático), funcionando de modo complementar ao “Laboratório Integrado I”, no qual é produzido o jornal Lampião. Continua sendo ministrado por docentes de três áreas³, que atuam em parceria na disciplina de 120 horas em duas turmas de até 25 estudantes cada.

Se antes os produtos laboratoriais Lampião e Curinga eram centrados na cultura do impresso, com a reformulação da matriz o foco recai na integração de linguagens, com objetivos específicos em cada um dos laboratórios e tendo como resultado não apenas produtos impressos – o jornal e a revista – mas também digitais. A opção por uma perspectiva integrativa segue as recomendações das DCNs (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2013, p. 2), que prevê que “o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto midiático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão”. E, mais do que isso, trilha aquilo que se observa na lógica da própria atividade profissional, cada vez mais convergente. “A cultura da convergência está permitindo uma reconfiguração das publicações já existentes, bem como a criação de novas publicações que dialoguem com outras mídias” (OLIVEIRA, 2013, p. 275).

Na Curinga, a proposta laboratorial é de imersão verbo-visual na narrativa da grande reportagem para a produção de uma revista e de conteúdos para site e redes sociais (atualmente, Facebook, Instagram, YouTube e, em menor escala, Twitter⁴). Propõe-se que a revista represente uma chance de mergulho em processos produtivos do jornalismo apreendidos ao longo de todo o curso, próximo à conclusão da formação acadêmica do corpo discente, possível pelos esforços demandados pela grande reportagem, que se estende pelas páginas impressas e pelo ambiente digital.

3 As autoras deste artigo ministraram a disciplina no segundo semestre de 2019. Antes disso, passaram por ela os professores Dayane do Carmo Barretos, Flávio Valle e Frederico Tavares.

4 As novas redes sociais da revista são: <www.instagram.com/revistacuringa>, <www.youtube.com/channel/UCKNm66SbaNKLaFZGN-_BpnQ> e <<https://twitter.com/revistacuringa>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

Para Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), a grande reportagem é o lugar de excelência da narração jornalística, onde se expõem as peripécias da atualidade. Já Ricardo Kotscho (2000, p. 78) destaca a exploração em profundidade dos temas, por diversos ângulos, ao dizer que, “no fundo, uma grande reportagem é só isso: ver as coisas de perto, com tempo; cheirar, com calma”. Cremilda Medina (1988, p. 115) destaca a dimensão temporal da narrativa da grande reportagem, que “[...] abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente” – o que parece coincidir como a montagem entre tempos sinalizada por Vogel (2013) como própria ao jornalismo de revista. Finalmente, Daniela Arbex (2012) ressalta a importância do método e da qualidade da apuração na produção da grande reportagem, a qual define como uma radiografia que significa uma renovação diária do empenho de apurar e do compromisso social do jornalismo.

Desde a edição de transição e da implantação do novo modelo foram produzidas quatro edições da revista. Em todas desenvolve-se, gradativamente, o conceito de dossiê. Empréstada do campo das ciências da informação, a ideia de dossiê tem a ver com uma reunião de unidades em torno de parâmetros temáticos (CAMPOS, 2017), ou, de acordo com o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, com um “conjunto de documentos relacionados entre si por assunto” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 80).

Afastando-se da visão de Kucinski (2002) do jornalismo de dossiês como uma expressão deturpada do jornalismo, no âmbito da disputa de poder no campo da mídia, mas ao mesmo tempo encontrando certo eco nas palavras do autor, que pensa o dossiê como um “inventário de fatos”, a Curinga percebe o dossiê, jornalisticamente, como uma tentativa de esgotamento de um tema, em busca de dar conta de um todo, cercando um assunto “por todos os lados e sob uma perspectiva atual, com gancho, sem que nada ‘escape’”, conforme o projeto editorial da revista (CURINGA, 2019, p. 7). Nesse sentido, propõe-se um jornalismo de teor testemunhal, de tom documental, atravessado pelos eixos investigativo, interpretativo e explicativo, produzindo um panorama sobre determinado assunto.

O projeto da revista-laboratório prevê, a partir dessas premissas, três possibilidades de enfoque para os dossiês: um tema, uma efeméride ou um acontecimento. Até o momento, a revista produziu um dossiê sobre uma efeméride (os 30 anos da Constituição) e três dossiês temáticos (universidade, cultura extrativista e deslocamentos), conforme as figuras 1 a 4. Todas as edições reúnem grandes reportagens marcadas pela articulação entre visualidades e narrativas textuais, ancoradas ainda na experimentalidade que marca os veículos laboratoriais. Em 2019 e 2020, o modelo de dossiês documentais foi reconhecido nacionalmente na Expocom, com a premiação na categoria revista-laboratório às edições 26 (avulso), 27 e 28 (conjunto).

Figuras 1 a 4: edições 25, 26, 27 e 28 da Curinga



Fonte: Acervo Revista Curinga no Yumpu (REVISTA CURINGA, 2021)

Essa virada editorial não apaga a história produzida pela Curinga, ao contrário: a integra e atualiza dentro dos atuais parâmetros pedagógicos e profissionais. Assim, as três editorias, "Mundo em mim", "Eu no mundo" e "Travessia", se mantêm, ainda que não haja apenas uma reportagem especial – no dossiê, todas as pautas demandam um movimento imersivo –, mantendo-se a perspectiva de reflexividade. A partir daí, também se modifica a concepção do público-alvo. O leitor da revista passa a ser concebido não mais a partir de um perfil etário, e sim como um sujeito crítico, interessado em questões contemporâneas e na possibilidade de aprender novas perspectivas sobre um assunto. Não à toa, o editorial da Curinga 27 (2019, p. 4) convida o leitor a "pensar", "refletir", "discutir" e "conhecer", ações que buscam interpelar o material jornalístico e que se coadunam à proposta da edição 28 (2019, p. 5), em que a revista se apresenta como "um convite, uma provocação, uma experimentação e uma possibilidade". Tal missão evidencia ainda seu caráter laboratorial como espaço de aprendizado, fundamental na formação de jornalistas críticos e engajados com o mundo que reportam.

3 OS PRODUTOS E OS PROCESSOS DA CURINGA

A virada editorial da revista trouxe alguns desafios para professores e estudantes. Entre eles estão o amadurecimento da proposta de uma revista de grandes reportagens em formato dossiê, a implementação do redesenho do projeto gráfico de modo a adequá-lo ao novo perfil – o que também inclui repaginar a identidade visual da marca “Curinga” – e o reordenamento das rotinas produtivas, sobretudo no sentido de valorizar a imersão narrativa e a integração entre linguagens. O enfrentamento a esses desafios foi se dando, de forma gradativa, desde a edição 25.

Nessa edição, com o dossiê “Universidade refletida”, testa-se pela primeira vez o formato dossiê. Ele é anunciado na capa, com uma manchete com a temática. Uma seção de entrevista, resgatada dos primeiros números, é incorporada com centralidade, buscando nomes relevantes a cada tema. Na ocasião, o entrevistado é o ex-ministro da Educação Fernando Haddad, que abre a revista. No que concerne ao visual, alguns ajustes gráficos são realizados, como o emprego de fios na creditação das reportagens, em olhos e frases de destaque. A partir de então, um hot site⁵ passa a ser criado a cada edição para abrigar as produções multimídia, sendo igualmente subdividido em três editorias. Nele, a integração das linguagens é dada a partir da articulação verbo-visual, que, na multimodalidade do digital, inclui áudios e vídeos.

Na edição 26, do dossiê “Constituição 30 anos”, há um significativo movimento de ruptura com o projeto editorial anterior. O uso das fotografias, antes mais pontual, ganha destaque, assimilando a natureza da grande reportagem de forma mais efetiva. Se, antes, a foto tendia a servir de ilustração, agora passa a servir como material informativo, de acento também narrativo. Configuram-se, aí, fotorreportagens propriamente ditas, na acepção postulada por Helouise Costa (2012, p. 316), segundo a qual a fotografia oferece “uma interpretação especificamente visual sobre os acontecimentos”. Nesse número, a fotorreportagem retrata a ocupação Dandara, em Belo Horizonte. As imagens produzidas no local, mais documentais, também são utilizadas nas páginas de divisão das três editorias, que antes costumavam seguir uma lógica ensaística mais abstrata e metafórica.

Visualmente, outra ruptura se deu, com o padrão anterior de fólio superior aplicado às retrancas das reportagens, que foi substituído por fios preenchidos com as cores das seções. Na edição também foi explorada uma estética que referencia as colagens dadaístas dos zines contemporâneos para a composição da capa e da home do hot site⁶, além da disposição dos títulos de algumas reportagens e das páginas editoriais (expediente, sumário, editorial e capas de editorias) inspirados no movimento construtivista, porém, sem um padrão tipográfico. A aproximação estética entre os movimentos, com fragmentos e sobreposições, dá a chance de pensar a visualidade sem recorrer a símbolos nacionalistas mais acionados, trabalhando, assim, com vestígios desse tempo democrático, dado a ver em recortes fotográficos.

5 Hotsite está disponível em: <www.jnegromonte.wixsite.com/revistacuringa>. Acesso em: 16 mar. 2021.

6 Hotsite disponível em: <<https://revistacuringa.wixsite.com/edicao26>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

Na edição 27, com o dossiê “Cultura Extrativista”, levando em conta as modificações que estavam sendo delineadas nos números anteriores, o projeto gráfico é reinventado. Já na capa alterações se tornam visíveis. O logotipo da revista, cuja tipografia foi modificada de forma a dialogar com o peso documental, ganha o acréscimo da palavra “dossiê”. Três retrancas são adicionadas para sintetizar o tema do dossiê, em consonância com as editorias. Nessa, as palavras-chave foram: “Força, movimento, vidas”. A lombada da revista é editorada de forma que remeta ao produto impresso uma materialidade de objeto colecionável, com as informações que o identificam (“CURINGA/Revista Laboratório/Ufop/Edição 27/Cultura Extrativista/DOSSIÊ”), o que também confere maior destaque para a questão institucional. No miolo da publicação, outras alterações aparecem. Busca-se maior equilíbrio entre o texto, as imagens e os espaços em branco, o que inclui ajustes nas margens das colunas, na padronização da tipografia dos títulos, legendas, olho, frases em destaque, créditos e fólio superior, além do uso de fios no contorno das fotografias e dos créditos, como elemento finalizador de reportagem.

A elaboração do novo projeto gráfico trouxe à tona uma reflexão e experiência pedagógica importante: pensar os limites da experimentação a partir de diretrizes bem definidas, sem que a produção seja engessada, mas de forma que explore outras possibilidades de criação visual. Os estudantes foram instigados a pensar o documental para além da narrativa verbal, explorando os diversos elementos da visualidade, como a fotografia, a infografia, a tipografia e a paleta de cores. O novo uso da fotografia, sedimentado na edição anterior nos moldes da fotorreportagem, se expande em uma produção exclusiva para a capa, contracapa e capa das três editorias, entendidos como outro espaço de experimentação documental, dinâmica que permanece no número seguinte. Na edição 27, retrata o dia a dia de um trabalhador da atividade carvoeira, que adiciona valor informativo-narrativo à temática do dossiê.

Na edição, a produção do *hotsite*⁷ se destaca por apresentar conteúdos exclusivos de maior fôlego, complementares ao impresso, mas não como mera “chamada” para ele, como acontecia. É o caso da linha do tempo sobre um distrito ouro-pretano, adicional à reportagem impressa sobre ele, “Miguel Burnier resiste”. Além disso, ao *hotsite* também é aplicado o projeto gráfico como forma de padronização e manutenção da identidade visual do conjunto, seja nas vinhetas, nas infografias, na paleta de cores das fotografias e dos fios, etc.

Na edição 28, com o dossiê “Deslocamentos”, um novo esforço de experimentação afinado às novas diretrizes traçadas é percebido. Além das reportagens, abre-se espaço para outros gêneros textuais, até então não explorados na nova proposta editorial: a crônica e a carta (ambas em “Para todos os povos e cores?”) e o perfil (“Ser enquanto verbo: liberdade e reconstrução”), todos calcados na perspectiva metodológica da apuração da grande reportagem e com mais liberdade textual.

O *hotsite*⁸, além de desdobramento das pautas com angulações diferentes da revista, ganha pautas exclusivas que não constam no espelho do impresso: uma reportagem sobre trabalho digital e uma série de podcasts sobre a música na Região dos Inconfidentes. Há também uma maior integração das linguagens e a experimentação

7 Hotsite disponível em: <www.revistacuringa.wixsite.com/edicao27>. Acesso em: 16 mar. 2021.

8 Hotsite disponível em: <www.revistacuringa.wixsite.com/edicao28>. Acesso em: 16 mar. 2021.

de diversas ferramentas para a produção de peças visuais, audiovisuais e sonoras, a exemplo do Infogram (para infografias) e do *StoryMapsJS* (para mapas interativos). De forma inédita, cria-se um plano de conteúdo para atuação nas redes sociais, que as impulsionam.

Durante o período de produção dessa edição, paralelamente, os alunos se dedicaram à consolidação do Manual de Jornalismo da Curinga, documento editorial norteador que abrange, entre outros itens, o Manual de Redação, o Projeto Gráfico, o Projeto Fotográfico e o Projeto Editorial Multimídia – os dois últimos, até então, não possuíam um registro formalizado que guiasse o trabalho de repórteres e editores. O objetivo do documento, ainda em construção, é sistematizar princípios editoriais, valores jornalísticos, perfil de leitores, práticas jornalísticas, estrutura editorial, bem como diretrizes editoriais e técnicas de fotografia, planejamento visual e multimídia. Também traz um manual de redação, sempre em formato beta, a partir da sistematização das dúvidas e erros mais comuns da reportagem. O Manual de Jornalismo opera como fio entre as turmas, fazendo a heterogeneidade e características singulares de cada grupo de estudantes conviver com os princípios e objetivos da disciplina gestados pedagogicamente.

Em relação ao reordenamento da rotina de trabalho, um dos maiores desafios enfrentados na disciplina “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem” tem sido a integração da produção para o impresso e o multimídia de forma concomitante. Isso implica em uma percepção da singularidade de cada um dos produtos (revista, site e redes sociais), integrados por uma proposta editorial, porém com desdobramentos e linguagens distintas. Pela cultura do impresso, antes dominante da Curinga, levou tempo até que se entendesse que o conteúdo para o multimídia não deveria ser o que “sobra” do impresso ou o que “não coube” nele, mas um conteúdo pautado, apurado, formatado e editado especificamente para o hotsite ou para as redes sociais.

Para ajudar na assimilação dessa particularidade, alguns ajustes na estruturação do ciclo produtivo foram realizados na edição 28. A disciplina, de 120 horas, é ofertada ao longo de dois dias consecutivos, com uma média de 36 dias letivos. As atividades iniciam com pelo menos três aulas expositivas sobre os eixos conceituais que ancoram a proposta editorial, como a grande reportagem e o dossiê, com atenção não apenas aos aspectos verbais por eles mobilizados, mas também ao papel da fotografia e das visualidades como um todo, no impresso e no multimídia.

Depois disso, inicia-se a fase de pré-produção, que engloba algumas atividades avaliativas cruciais: análise das edições anteriores, definição da temática do dossiê, divisão das funções editoriais, reunião de pauta, montagem do espelho da edição, produção e apresentação das pautas estendidas. A análise das edições anteriores também é realizada, como forma de minimizar certo estranhamento ao novo projeto editorial e gráfico da revista, sobretudo à ideia de dossiê e à aposta em um entendimento mais informativo-narrativo das visualidades. A definição da temática e a produção das pautas estendidas também foram adaptadas, para ajustar a rotina produtiva às novas demandas editoriais. Na edição 28, a equipe de professoras passa a fornecer três opções de temas para o dossiê, em uma aula específica para apresentação e debate sobre os assuntos propostos. Ao final dela, a turma delibera a temática do dossiê. Antes, os docentes apenas comunicavam o tema aos estudantes, o que, muitas vezes, gerava

insatisfação e/ou dificuldade de interlocução com a proposta. Com a definição da temática, assim como já ocorria, cada aluno apresenta propostas de pautas e, a partir delas, os editores⁹ selecionam aquelas que entram na edição.

A construção das pautas estendidas já é realizada pelas equipes de reportagem definidas, normalmente compostas por um repórter de texto, um repórter fotográfico e um repórter visual. Ao longo de dois ou três dias de aula (além de algum tempo fora de sala), eles trabalham em prol da elaboração da pauta estendida, documento de apuração com angulações delimitadas, abordagens factíveis, fontes mapeadas e previamente contatadas. Respeitando a integração entre impresso e digital, as pautas devem trazer delineamentos para a revista, o hotsite e redes sociais. Finalizada esta etapa, as pautas são reapresentadas à turma e, assim, os editores procedem à montagem do espelho da edição impressa e do hotsite (com o formato e a linguagem de cada reportagem da revista e cada peça multimídia), bem como à previsão do plano de conteúdo para as redes. Essa etapa de pré-produção tem duração média de quatro semanas.

Na sequência, as equipes iniciam a produção do dossiê. Os repórteres (principalmente os responsáveis por texto e foto) seguem com o trabalho de apuração, com saídas à campo e retornos à redação para acompanhamento de professoras e editores. Os editores, também sob supervisão das docentes, realizam atendimentos às equipes, deliberam a respeito de decisões editoriais (rearranjos no espelho, mudanças de angulações, remanejamento de repórteres, entre outras). Paralelamente, a equipe visual dá início ao trabalho de elaboração de ajuste da página mestre, com as definições gráficas adequadas ao tema do dossiê, e prepara a “boneca” do impresso. Além disso, participa do processo de apuração para as peças visuais e cuida da identidade visual da edição no hotsite e nas redes sociais. Essa etapa de produção dura aproximadamente quatro semanas. Nesse período, as equipes apresentam pelo menos três versões do material bruto apurado (com intervalos de uma semana, em média, entre uma e outra), realizam reuniões de balanço de produção para eventuais adequações e fazem os primeiros movimentos para a editoração das páginas impressas. O conteúdo multimídia apurado também é discutido com os editores.

Em seguida, ao longo de mais quatro semanas, inicia-se o processo de edição. Nessa fase, os editores trabalham mais arduamente para formatar o texto final, selecionar e tratar fotos e dar unidade visual ao todo. Os revisores também se dedicam à conferência de cada página. A versão impressa finalizada é, então, apresentada à turma. Depois de possíveis ajustes, realiza-se o fechamento do arquivo para envio à gráfica. Paralelamente, as equipes encaminham a edição final das produções, postadas no hotsite e nas redes sociais à medida que são finalizadas.

As três últimas semanas são voltadas para a autoavaliação junto à turma, lançamento da revista impressa (à essa altura, espera-se que a edição já tenha retornado da gráfica) e apresentação do hotsite com as postagens finalizadas, bem como dos últimos materiais para as redes sociais. Esse momento de reflexão sobre a produção, de

⁹ O número de editores varia de acordo com a quantidade de matriculados, mas as funções editoriais previstas são: editor-chefe, editores de texto, de fotografia, de visual, de multimídia, de audiovisual e de sonora, além de revisores.

percepção coletiva sobre o todo, antecede a divulgação das notas finais dos estudantes, cuja avaliação é ponderada em termos de produto e processo, com pesos distintos para a nota individual e a nota coletiva.

Assim, o sentido da rotina integrada do laboratório, para além das possibilidades experimentais no que se refere à combinação das linguagens na empreitada imersiva da grande reportagem, revela-se também no momento da autoavaliação em que a soma dos esforços individuais e coletivo é percebida no resultado do produto e no reconhecimento dos empenhos empreendidos (ou não) ao longo do processo. Ou seja, o dossiê não é mérito da equipe de editores ou de uma equipe de reportagem específica, embora tais atuações sejam decisivas. O produto é, principalmente, reflexo de um trabalho coletivo em que o desempenho e engajamento “integrado”, de cada uma das partes envolvidas, é fundamental para que o entendimento de que o jornalismo é exercido no plural – um dos grandes aprendizados da disciplina.

4 ROTINAS E INFRAESTRUTURA PRODUTIVAS

O lugar ocupado pelos veículos laboratoriais nos cursos de Jornalismo propicia o espaço de “treinamento” para os processos e rotinas do exercício da atividade jornalística, preparando “futuros repórteres e editores para a vivência integral dos mecanismos de geração da notícia ou dos comentários, bem como a dos impactos provocados junto a uma audiência concreta” (MELO, 1989, p. 11). Essa preparação para o exercício profissional, longe de ser acrítica e aderente aos modelos hegemônicos, funda-se no exercício experimental em distintas linguagens e formatos, dos quais o jornal e a revista-laboratório, tais como a Curinga, são proeminentes.

Nesses laboratórios, ainda que se busque certa aproximação com o exercício profissional do jornalismo, as distinções são notórias, mesmo levando em conta as transformações pelas quais as rotinas jornalísticas vêm passando em anos recentes. Isso impacta tanto na qualidade da produção quanto no grau de proximidade com a realidade profissional que os laboratórios proporcionam. Ao contrário da maioria dos veículos, os laboratoriais não são comerciais, mas públicos e gratuitos, não visam lucro nem dependem de circulação ou publicidade para sustentar redações e tiragens; suas equipes de produção não são remuneradas (salvo exceções de bolsistas) nem dedicam o tempo exclusiva ou majoritariamente àquela atividade (pois cumprem outras disciplinas das matrizes curriculares ou estágios); os prazos de produção costumam ser mais alongados, respeitando o caráter formativo desses espaços, o que impacta, por sua vez, na periodicidade dos veículos; a infraestrutura de produção costuma ser, especialmente nas instituições públicas, inferior à das redações comerciais.

Entre a definição da temática do dossiê da Curinga e a entrega das reportagens decorrem cerca de dois meses, mais um mês para edição e fechamento, como detalhado. No intervalo, textos, imagens e demais elementos visuais são produzidos com acompanhamento contínuo de docentes e editores, que se debruçam sobre as diferentes versões recebidas, propiciando aos estudantes o aprendizado das diferentes habilidades, técnicas e atividades experimentadas na revista. Nesse sentido, a virada para a grande reportagem de certo modo aproxima a Curinga de rotinas produtivas

comerciais de veículos focados nesse tipo de narrativa, dadas as características do jornalismo de grande reportagem praticados pela revista: testemunhal, documental, que investigue e interprete a fim de produzir um panorama de determinado assunto ou acontecimento. Esses objetivos demandam tempo e mergulho em todas as etapas produtivas: busca por fontes e por sua pluralidade; extensa pesquisa documental; entrevistas em profundidade ou imersões; confrontação de versões; cuidado com a escrita e edição cuidadosa; elaboração e materialização de conceito fotográfico, com mergulho para construção da narrativa visual; reflexão ética sobre a expressão visual da realidade, em especial no que tange à figuração dos sujeitos fotografados; cuidadosa pesquisa visual para aplicação do projeto gráfico ao tema do dossiê; entre outros. A temporalidade demandada pela grande reportagem e a propiciada pela dimensão pedagógica do laboratório se encontram, assim, na construção das rotinas produtivas e na duração de cada uma delas.

Uma diferença marcante em relação ao exercício profissional é de infraestrutura. Ainda que o jornalismo enfrente um momento de precariedade financeira, em muitos veículos comerciais as equipes ainda dispõem de computadores modernos; espaços de trabalho adequados; equipamentos profissionais ou semiprofissionais; softwares e aplicativos; serviços de transporte e alimentação. Na Curinga, um fator que contribui para a qualidade da produção e, em alguns casos, até mesmo a possibilita, são as condições oferecidas pela Ufop à prática laboratorial, mesmo diante do sucateamento evidente e acelerado.

As turmas dispõem de dois laboratórios¹⁰ equipados com telefone e, até 2019, 51 *iMacs* de 21,5 polegadas, datados de 2010 e 2015. Cada um deles possui o pacote Adobe para fotografia, planejamento visual e audiovisual. Isso possibilita aos estudantes produzir e editar o material em sala, com apoio docente e sem uso de recursos pessoais, fundamental sobretudo para sujeitos em vulnerabilidade socioeconômica. Além disso, há disponíveis 18 câmeras Canon T5i com lentes 18-135mm e dois tripés. O uso é dividido com outras disciplinas e atividades do curso, mas revista e jornal têm preferência.

A universidade também oferece, desde 2015, transporte às atividades da revista e do jornal laboratoriais. Na edição 28, algumas pautas só foram possíveis porque a equipe de reportagem foi transportada por carros da Ufop, com motoristas da universidade, como a matéria "Nós somos um povo de resistência", feita na aldeia Naô-Xohã, na região de Brumadinho (MG). Outras reportagens utilizam veículos que fazem percurso diário para Belo Horizonte, que não gera custo para o curso. Para a produção das edições 27 e 28, a revista fez 10 viagens em Minas Gerais com o transporte da Ufop.

Quando não é possível dispor desse transporte, as turmas têm realizado financiamento coletivo ou repartido as despesas. Foi o caso da entrevista com Glenn Greenwald na edição 28, feita no Rio de Janeiro por três repórteres. Outros custos, como os de alimentação durante as viagens, se somam aí. A turma de 2019.2 rateou os gastos das equipes de produção, contando ainda com a contribuição de docentes do curso.

10 Os laboratórios são exclusivos aos estudantes da Curinga nos horários da disciplina e outros usos podem ser agendados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Curinga, desde sua virada editorial e pedagógica, tem rendido, para além dos produtos (revista, site e redes sociais), uma série de ensinamentos. Para as professoras, do mesmo modo. Foi possível, a partir da experiência aqui relatada, perceber que há questões bem específicas que muitas vezes atravessam o rendimento produtivo do “Laboratório Integrado II: Grande Reportagem”, como última disciplina obrigatória laboratorial. No 7º período, tecnicamente, o aluno regular cursou no semestre anterior o “Laboratório Integrado I” – que lhe fornece um preparo para a dinâmica prevista no segundo laboratório. Além disso, vale destacar que o estudante matriculado na disciplina, geralmente, já apresenta um percurso formativo amadurecido, com interesses em áreas de atuação mais definidos, o que permite um aproveitamento mais eficaz da experiência laboratorial. Esse perfil de atuação favorece, inclusive, o desenvolvimento da percepção de que a produção de uma grande reportagem em formato de dossiê impresso e multimídia, além de demandar domínio conceitual, envolve também a gestão de crise no âmbito das equipes, controle de recursos para a produção e demanda uma postura ética permanente diante dos tensionamentos apresentados.

Por outro lado, no 7º período, entende-se que os estudantes costumam estar cursando o estágio obrigatório, o que os mantém cada vez mais envolvidos e mais próximos do mercado de trabalho. Também estão, seguindo o percurso esperado do aluno regular, em processo de produção do Trabalho de Conclusão de Curso. Isso significa que o fôlego para produção de um material editorial, dentro de um componente curricular, parece ofuscado pelas demandas de finalização da graduação e pelas preocupações naturais com o porvir. A reformulação da revista, visando o formato da grande reportagem e do dossiê, também atende à finalidade de envolver o corpo discente de maneira mais efetiva, por aquilo que exige de imersão em certo assunto – e que parece estar funcionando bem.

Tal mergulho, ainda que embaraçado em meio a adversidades (do estágio, do TCC, etc.), tem também permitido novas visadas. Como ensina Oliveira (2013), é preciso que o laboratório se configure como um “espaço de liberdades”, em que um modo de fazer jornalístico seja experimentado, a despeito das dificuldades que se impõem aos estudantes. Tem-se, pois, também aí uma chance de se elaborar “[...] uma estética do precário, ou seja, aquela que permite, mesmo em momentos espinhosos, a criação de um produto de qualidade” (OLIVEIRA, 2013, 275). Assim, acredita-se, tem acontecido na nova Curinga.

Há, claro, outras questões editoriais e pedagógicas que precisam maturar. Do ponto de vista editorial, o processo de reformulação da matriz curricular, motivada pela mudança nas DCNs e que culmina em uma nova proposta pedagógica para a disciplina e para os produtos finais, instaurou, nas últimas edições, um amadurecimento e uma reavaliação constantes, que devem permanecer a cada semestre. Principalmente porque, com a mudança editorial, ainda falta repensar com mais vagar a quem se destina a revista e suas produções multimídias. Embora se presuma que, com o dossiê, o leitor da Curinga se descola do perfil etário antes traçado, o novo público-alvo, esse sujeito crítico, ainda merece ser melhor investigado. Imagina-se que, dessa maneira, as especificidades do impresso e do digital possam ser aproveitadas para estabelecer pontes com leitores distintos, com os quais os formatos adotados devem dialogar efetivamente, com o desejo de chamá-lo de “você”, como diz Scalzo (2004). Sob o enfoque pedagógico, igualmente por conta da reformulação, convém continuar

realizando uma autoavaliação que ultrapassa os limites da disciplina, porque reverbera no todo: implica uma autoavaliação de todos os docentes do curso sobre o tipo de produção que os estudantes demandam bem como sobre a compreensão dos benefícios para sua formação acadêmica e profissional, considerando os desafios do mercado editorial e da própria atuação jornalística.

REFERÊNCIAS

ARBEX, Daniela. Métodos de pesquisa e investigação. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; LIMA, Samuel (orgs.) **Reportagem, pesquisa e investigação**. Florianópolis: Insular, 2012, p. 165-177.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BENETTI, Márcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 44-57.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Revista e segmentação: dividir para reunir. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 107-118.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. Arquivos pessoais: facetas de um dilema. In: ANDRADE, Ana Célia Navarro de (org.) **Arquivos, entre tradição e modernidade**, volume 2. 2. ed. São Paulo: ARQ-SP, 2017, p. 39-49.

CARMO, Ruleandson. Editorial. **Curinga**, n. 0, Mariana: Ufop, nov. 2011.

COSTA, Helouise. A invenção da revista ilustrada. In: COSTA, Helouise; BURGI, Sergio (org). **As origens do fotojornalismo brasileiro: um olhar sobre O Cruzeiro**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012, p. 303-323.

CURINGA (Mariana). **Manual de Jornalismo**. Mariana: Ufop, 2019.

CURINGA. "Editorial". **Curinga**, n. 28, Mariana: Ufop, dez. 2019.

CURINGA. "Editorial". **Curinga**, n. 27, Mariana: Ufop, jun. 2019.

GOMES, Cristiano; FONTES, Bruna. "O mundo que habita o mundo". **Curinga**, n. 10, Mariana: Ufop, maio 2014.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. Notas sobre o jornalismo de dossiês. **Observatório da Imprensa**, Campinas, v. 189, doc. sem paginação, 11 set. 2002. Disponível em: <<http://www.observatorio-daimprensa.com.br/primeiras-edicoes/notas-sobre-o-jornalismo-de-dossis>>. Acesso em: 16 fev. 2020.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. Prefácio. In: LOPES, Dirceu Fernando. **Jornal-laboratório**. Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989, p. 11-12.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Resolução no. 1, de 27 de setembro de 2013: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de Jornalismo. Brasília, 2013.

OLIVEIRA, Ana Clara; FERREIRA, Marília. Editorial. **Curinga**, n. 15, Mariana: Ufop, jul. 2015.

OLIVEIRA, Daniella Andrade et al. "Revista Curinga: um todo editorial". In: **Prêmio Expocom – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 22**, 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Intercom, 2015. p. 1-10. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_JO04.htm>. Acesso em: 16 mar. 2021.

OLIVEIRA, Fabrício Marques de. A revista em sala de aula: edição e práticas laboratoriais em contexto de convergência. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 272-287.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

STORCH, Laura. Revista e leitura; sujeitos em interação. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 132-145.

TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 27-43.

VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: TAVARES, Frederico Mello; SCHWAAB, Reges (orgs.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 17-26.